

A importância do corpo no processo de ensino e aprendizagem

Fabíola Teixeira Araujo Rios¹
Wagner Wey Moreira²

*“[...] Corporeidade sou eu. Corporeidade é você.
Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, por isso
mesmo dotados de movimento para a superação de nossas
carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o
mundo, pois um sem o outro é inconcebível[...].”*
(Croniqueta 27 – Wagner Wey Moreira)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo abordar a questão do corpo e da corporeidade em sala de aula e como este pode “ser” e “estar” relacionado com a aprendizagem. Buscaremos construir reflexões acerca da visão de corpo no contexto educacional, como percebemos os valores e sentidos a ele atribuídos por nós professores e como auxílio no processo de ensino e aprendizagem. Para a realização desta reflexão foi utilizado como referencial teórico os estudos de Nóbrega (2005), Assmann (1998), Freire (1998), Moreira (1993), Merleau-Ponty (1996), Morin (2011), dentre outros estudiosos da área de corporeidade.

Palavras Chave: Corpo; Corporeidade; Escola; Aluno; Professor.

Abstract: This article aims to address the issue of body and corporeality in the classroom and how this can “be” and “to be” related to learning. Seek to build a reflection on the vision of the body in the educational context, we perceive the values and meanings attributed to it by us as teachers and aid in the teaching and learning process. For the realization of this reflection was used as theoretical studies Nobrega (2005), Assmann (1998), Freire (1998), Moreira (1993), Merleau-Ponty (1996), Morin (2011), among other scholars in the field of corporeality.

Keywords: Body; corporeality; school; student; Teacher.

¹ Pedagoga, Especialista em Supervisão Escolar e atualmente é aluna do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE-UFTM). fabiolajcristosdelfim@gmail.com

² Professor Doutor do Programa de Pós - Graduação em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e do curso de Bacharelado em Educação Física da UFTM. Membro do NUCORPO – Núcleo de Estudos em Corporeidade e Pedagogia do Movimento. weymoreira@uol.com.br

1 – Introdução

Falar do corpo na Educação não é algo simples, justamente por ser um assunto pouco discutido e difundido nos ambientes escolares e em nossa formação acadêmica. Freire (1989) faz uma observação interessante defendendo a ideia de que quando a criança entra na escola, seu corpo também deveria ser matriculado, referindo-se aos preconceitos que a criança sofre ao entrar no ambiente escolar, quando a mesma é obrigada a ficar sentada horas e horas.

O mesmo autor ainda afirma que

não é justo que, em nome da educação, crianças e adolescentes sejam confinados em cubículos de meio metro quadrado (o espaço de movimentação possível de quem senta nas carteiras escolares), quatro horas por dia, cinco dias por semana, duzentos por ano, onze anos, num total de 8.800 horas de confinamento. É chocante, absurda, escandalosa essa educação sem corpo, essa deformação humana. (FREIRE, 1989, p.157)

Percebemos claramente uma educação na qual há uma visão de corpo disciplinado, em que as práticas se limitam ao movimento em busca da disciplina. Esquecemos de que o ambiente escolar deve proporcionar liberdade de movimentos e incentivar a expressividade do corpo, uma vez que o aluno, ao se expressar, consegue expor melhor seus sentimentos, suas emoções e conseqüentemente, se tornar mais crítico e atuante.

Nóbrega (2010, p.47) ressalta a visão de corpo de Merleau-Ponty, mostrando-nos assim uma oposição em relação à perspectiva mecanicista da filosofia e das ciências tradicionais. Pretendemos neste artigo abordar como o corpo era visto nos séculos passados e como ele é visto atualmente no ambiente escolar, repensando o papel dos professores para que haja a superação da visão de corpo como acessório, como aquele que apenas obedece ordens e instruções pré-estabelecidas. Em seguida faremos uma abordagem sobre a corporeidade e como os profissionais da educação podem usufruir deste importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem.

O corpo é repleto de multiplicidades. Ele é ao mesmo tempo social, psicológico, biológico e transcendente, mas sempre foi considerado inferior, como segundo plano na sala de aula em relação à mente. Devemos entender o corpo e a mente como componentes que integram o mesmo organismo e estabelecer um elo entre o movimento e o desenvolvimento mental da criança, pois esta, desde o seu nascimento é movimento constante e na escola levamos o aluno a uma imobilidade excessiva, contrariando todas as características da infância.

Segundo Nóbrega (2005), Moreira (1993), Silva (2003) e Louro (2000) o corpo na escola está relacionado, principalmente, à concepção cartesiana. De acordo com Sérgio (2003), “O erro de Descartes” continua até os dias de hoje compreendendo na separação corpo-alma, acompanhado de um conceito de saú-

de centrado no corpo-máquina. As práticas educacionais e a estrutura escolar indicam o quanto a concepção de corpo, aliada ao processo de aprendizagem estão subordinadas e até mesmo esquecidas em relação à importância que é dada aos processos cognitivos.

A escola não deve apenas mobilizar a mente, mas segundo Freire (1989, p.13) “corpo e mente, devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola”. A partir disso podemos propor uma educação que seja vista e entendida como de corpo inteiro, buscando a superação do dualismo corpo e mente que ainda se encontra arraigado na escola.

As grandes dificuldades encontradas em lidar com turmas heterogêneas, apresentando uma diversidade enorme de alunos com ritmos de aprendizagem diferentes, indisciplina, as mais variadas questões relacionadas aos aspectos emocionais, afetivos e cognitivos que se tornam desafios constantes para a escola, nos fazem repensar constantemente nossa prática pedagógica.

Surgem assim, alguns questionamentos: A maior dificuldade não seria de nós, professores, rompermos este paradigma que prioriza o ensino partindo somente do corpo-mente, dando ênfase apenas ao aspecto cognitivo? Não seria a hora de pensarmos em uma pedagogia que priorize o aluno como um “todo”, que “fala” a partir do corpo e do movimento? Não seria o momento de ressignificarmos nossa prática pedagógica?

Sabemos que são vários os fatores internos e externos que interferem no processo de aprendizagem como: a estrutura familiar; no contexto ao qual a escola está inserida; a proposta pedagógica da escola; a formação de seus profissionais; a visão de educação, criança e ensino que os professores e pais possuem. As escolas que possuem uma visão tradicional, dando ênfase apenas aos conhecimentos formais dissociados de experiências pessoais já não atendem mais os nossos alunos.

Partindo do pressuposto de que a escola é um lugar onde são vivenciadas ou deveriam ser as mais variadas experiências no processo de humanização torna-se cada vez mais necessário repensar a educação nos mais variados contextos, levando em consideração o ser em toda sua totalidade, nas suas múltiplas dimensões, uma educação que possua uma visão axiológica em que o aluno possa receber valores, transmitir, transformar e se transformar em uma pessoa cada vez melhor em todas as dimensões. Assim, não é mais possível uma proposta pedagógica que tenha foco na visão do ser fragmentado, na homogeneidade das pessoas. Necessitamos de uma proposta que traga em seus fundamentos teóricos e práticos a concepção de ser humano na perspectiva de sua totalidade e não em partes, como percebemos até o momento.

Uma prática baseada na atividade lúdica, priorizando a relação corporal, dando possibilidade aos alunos de expressarem suas emoções, medos, dificuldades. Uma abordagem que priorize a totalidade do ser humano incluindo a motricidade, o afetivo, o emocional e o social, implícitos na corporeidade em que:

A corporeidade pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polaridades semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro /mente [...] constitui a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica. (ASMANN apud PEREIRA; SILVA, 2006, p. 150)

Necessitamos pensar em uma escola, uma sala de aula em que nossos alunos sejam vistos de forma integral, indissociável, como as experiências vivenciais do corpo em consonância com a mente.

2 – As visões sobre o corpo

Sabemos que ao longo dos tempos, a visão de corpo passou por várias concepções, muitas vezes até contraditórias, as quais se desenvolveram de acordo com o contexto cultural de seus respectivos pensadores.

Percebemos a partir de nossos estudos que há uma grande diversidade de concepções, levando-nos a considerar alguns autores e pensadores mais significativos.

Com os avanços das Ciências e a partir de bases, posteriormente fornecidas por Descartes (1983) temos uma visão de corpo “dualista” e “cartesiana”. De acordo com Sérgio (2003, p.12) Descartes lembra: “Eu sou um ser que pensa, proclamou-se assim o divórcio entre o pensamento e o ser, a ruptura ontológica do ser e a lógica do pensamento.”

Esta visão dualista e cartesiana em que é ignorada a ideia de homem global e complexo, cujo corpo é separado da alma, fez com que o conhecimento também se separasse da mente e dessa forma o homem não precisava de mais nada além de saber pensar.

Nóbrega (2010) ressalta que as relações com a representação mecânica do corpo são destaque entre os séculos XVI e XVIII, enquanto no século XIX, a fisiologia divide com a anatomia as bases de compreensão do corpo, e que, segundo Merleau-Ponty (1996) para se ter o conhecimento do corpo, não basta apenas dividi-lo em partes e funções.

Sabemos que no decorrer dos anos cada gesto, cada ação internalizada pelo corpo são reflexos do contexto social ao qual ele está inserido e o objetivo da sociedade e muitas vezes da própria escola é o de cuidado com o corpo, obedecendo uma ordem assim definida: instrução, saúde, comportamento, temperamento e costumes sempre orientando as crianças e jovens para as tarefas da vida futura, prevalecendo o saber sobre o corpo.

Observamos claramente na escola hoje que esta dominação do corpo está presente em vários aspectos: no conteúdo das disciplinas, na forma como são aplicadas, na distribuição das carteiras, na postura corporal dos alunos e professores, na distribuição do tempo de cada atividade, revelando assim uma repressão de sentimentos espontâneos.

A aprendizagem hoje ainda é uma aprendizagem sem corpo, não somente

pelo motivo do aluno ter de ficar sem se movimentar, mas principalmente pela distribuição dos conteúdos e características dos métodos, que colocam o aluno em um mundo diferente do que ele vive e pensa impedindo-o de se expressar.

A escola e outras instituições, como os presídios, os hospícios e os quartéis foram denominadas por Foucault (2008) como instituições de sequestro, pois visavam controlar não apenas o tempo dos indivíduos, mas também seus corpos, extraindo deles o máximo de tempo e de forças. “A organização do espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar pois fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, de vigiar, hierarquizar, de recompensar.”(p. 129)

O mesmo autor considera ainda que o soldado no quartel tem treinamentos rígidos e rigorosos. Para ele, ter disciplina é ser considerado um bom soldado e faz ainda um paralelo com os alunos:

O treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais: sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os Irmãos das Escolas Cristãs usavam: era chamado por excelência o “Sinal” e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência. (FOUCAULT, 2008, p. 140)

Precisamos considerar o aluno não só como um ser que precisa acatar as ordens impostas pelo sistema escolar, mas como aquele que tem sentimentos, sonhos, conhecimentos, desejos, que brinca, sorri, chora, realiza variados movimentos para demonstrar o que sente.

Moraes (1997, p. 137) reafirma o que dizemos acima:

Hoje o foco da escola mudou. Sua missão é atender ao aprendiz, ao usuário, ao estudante. [...] Compreende que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e as mesmas habilidades, nem todas aprendem da mesma maneira, e que é impossível aprender tudo que existe para aprender. [...] E quem é esse aprendiz? É um ser original, singular, diferente e único. É um ser de relações, contextualizado, alguém que está no mundo e com o mundo, cuja realidade lhe é revelada mediante sua construção ativa. É um ser indiviso, para quem já não existe a fantasia da separatividade entre corpo e mente, cérebro e espírito, lado direito e esquerdo. [...] (MORAES, 1997, p. 137).

Devemos enxergar a criança como um ser que é corpo e mente, interligados com o seu contexto, jamais ignorando suas experiências anteriores e especificidades, mas propiciando uma educação não fragmentada, uma educação de “corpo inteiro”.

3 – Para transformar o corpo em corporeidade

A corporeidade é um tema que vem sendo abordado desde a década de 80, que propõe uma forma de superar a visão mecanicista e fragmentada do princípio da unidade do ser humano, consequência do pensamento racionalista cartesiano, que o concebeu como ferramenta muito próxima às máquinas, sem sentimento, representações e emoções.

Segundo Assmann (1998, p.47) “a Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervaga tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa”.

O autor ainda considera que em se tratando de corporeidade há muito a ser estudado e pesquisado, muitos mistérios a serem descobertos e novo paradigma a ser elaborado, instigando cada vez mais os que acreditam na importância do corpo no processo de ensino.

O corpo não existe sem a mente e nem a mente sem o corpo. Os dois comandam nossos movimentos, nossas ações, nossas emoções e nossos pensamentos. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem, se manifesta através de inúmeros aspectos de nossa cultura, de nossa sociedade, por meio dele existimos e nos relacionamos com as pessoas.

Aí surge o questionamento: Por que é importante enxergarmos o corpo como imprescindível no processo de aprendizagem?

Assmann (1998, p. 113) ressalta que: “o corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica”, percebemos o corpo como parte integrante e de fundamental importância ao desenvolvimento e jamais deveria ser desconsiderado do processo de ensino e aprendizagem.

A corporeidade apresenta uma variedade de relações que são importantes na educação e para confirmar isto Olivier (1995, p.60) ressalta:

A corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expansivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se torna a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em uma perspectividade; torna-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda a ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele, enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e através do qual o processo de vida se perpetua.

Podemos afirmar então que corporeidade é o corpo vivenciado e faz com que o corpo humano se torne significativo e forme uma relação de constante

diálogo do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo. Lembramos que a cognição surge a partir da corporeidade, expressando-se na percepção como movimento.

Precisamos perceber um corpo em que tenhamos uma aprendizagem completa levando em conta: o contexto no qual aluno e escola estão inseridos; a complexidade e variedade da aprendizagem; a individualidade e singularidade a ser pesquisada, pensada e estudada, cuidadosamente trazendo à tona novos conceitos educacionais.

O professor, ao reconhecer que o conhecimento surge a partir das experiências vividas pelo corpo, poderá perceber tanto a autonomia quanto a dependência do corpo com o meio em que está inserido.

Sendo assim, considera-se que na própria ação do aluno há cognição, tendo em vista que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno e as produções humanas só são possíveis por sermos corpo. Dançar, narrar, ler, escrever, contar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo.

O grande desafio para nós, profissionais da educação, está em considerar que o corpo não é instrumento somente para as aulas de Educação Física, ou ainda apenas um conjunto de órgãos, sistemas ou objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. O corpo em toda sua dimensão pode e deve ser trabalhado nas diferentes práticas educativas propostas nos currículos e viabilizados por todas as disciplinas.

Precisamos pensar cada vez mais no aluno como um todo unitário. Como global e não separado em partes como estamos acostumados a observar no dia-a-dia. Essa nova visão da corporeidade reporta-se à educação baseada neste princípio, no qual toda a educação é educação do homem em todos os seus aspectos e não apenas de uma parte do homem.

Vimos, na maioria das vezes de uma formação segmentada, rígida, impregnada por valores construídos e consolidados pela cultura que estamos inseridos.

Segundo Santin (1993, p. 67),

para repensar e desenvolver a corporeidade é fundamental aprender a realidade corporal humana. Fica completamente descartado o hábito de entender o corpo a partir de elementos que vêm de fora. Essa leitura direta faz-se através da escuta da linguagem corporal. O corpo é falante, mas sua linguagem não deve ser científica, nem gramatical, muito menos matemática. Ela é, sem dúvida, cifrada, falta o intérprete [...] A corporeidade humana inspirada nessas linhas gerais precisa ser um desenvolvimento harmonioso como um concerto musical ou uma obra de arte em que nenhum aspecto ao alcance da criatividade de cada vida humana possa ser esquecido ou maltratado.

Para que possamos preparar nossos alunos em sua totalidade, é importante ficarmos atentos ao ‘aprender a ser’, citado por Morin (2011), que nos auxilia em nossa prática pedagógica, revendo a ideia de que todo o ser humano

precisa ser preparado no seu todo (espírito e corpo, ética e espiritualidade, sentido estético e responsabilidade pessoal, inteligência e sensibilidade) e assim, sejamos capazes de elaborar pensamentos autônomos, críticos e formular os nossos próprios juízos de valores, de modo que possamos decidir, por nós mesmos, como agir diante das circunstâncias impostas pelo meio educacional.

Considerações finais

Embora não seja realizada em curto espaço de tempo, acreditamos que uma mudança de paradigma seja necessária diante da complexa realidade educacional vivenciada.

Moreira (1993) nos diz que a educação de hoje prepara os alunos para absorverem as definições conceituais sem questionamentos e ainda acrescentaríamos: para alguns professores o bom aluno é aquele que além de assimilar todo o conteúdo proposto é também, aquele que não ousa questionar as posturas do professor e do sistema educacional, que consegue transformar a aprendizagem cognitiva em pura memorização. Observamos uma educação que tem “a marca do mecanicismo, do assistencialismo, do acriticismo, da passividade, da neutralidade, da perda do homem no homem.” (p.202)

Finalizamos esta discussão, jamais querendo mostrar o que é certo ou errado no contexto educacional e muito menos temos a intenção de ditar “regras” a serem seguidas pelos professores. Desejamos levantar uma reflexão que mostre a importância do corpo e da corporeidade em todo processo educativo, em que o aluno faça parte deste processo como escritor e ator de sua história, não havendo uma preocupação apenas com o aspecto cognitivo, mas no corpo em sua totalidade.

Morin (2011), embora em seu livro “Os sete saberes necessários à Educação do futuro” não apresente um estudo sobre a Corporeidade, deixa implícita a sua preocupação com o corpo. Ele diz: “Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.” (p. 50)

Sabemos que é um desafio e que o resgate pleno da corporeidade no contexto educacional está apenas começando e o caminho, com certeza, é longo. Quando temos convicção do que queremos e que somos capazes de promover mudanças a partir de nossas ações o desafio se torna menor. Como diz Freire (*apud* Moreira, 1993, p. 207): “o ser que pensa é o mesmo ser que sente; o ser que pensa, sem o ser que sente, já não é o ser. Se um dos dois faltar, é o mesmo que faltar o todo.”

Portanto, destacamos a importância de repensar e reinventar nossa prática tendo como base o que a teoria indica como necessidade inadiável e urgente. Repensar nossa visão axiológica e nossas atitudes. Valorizar a criação de experiências pioneiras colocando em prática este assunto tão instigante e ao mesmo tempo complexo, partindo da Educação que temos para a Educação que vislumbramos.

Referências

- ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.
- DESCARTES, R. **Meditações**. In. Coleção Os pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 3. ed. S. Paulo: Abril Cultural, 1983.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma Perspectiva Pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- MOREIRA, W. W. (org.) **Educação Física e Esportes**: perspectivas para o século XXI. 17. ed.. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- MOREIRA, W. W. **Corporeidade!** Croniquetas 27. Disponível em: http://adm.online.unip.br/img_ead_dp/35421.PDF. Acesso em: 8 jun 2014.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessário à Educação do futuro**. 2. ed. Revisada. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- NÓBREGA, T. P. da. **Corporeidade e Educação Física do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2 ed. Natal: Edufrn, 2005.
- _____. **Uma Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. 126p. (Coleção Contextos da Ciência).
- OLIVIER, G. G. F. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 1995. Tese (Mestrado em Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas). Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000095484> > Acesso em: 14 jun 2014.
- PEREIRA, L. P.; SILVA, W. V. A corporeidade e o processo de formação integral do indivíduo: uma análise dos cursos de Educação Física e de Pedagogia. In: **Revista Vertentes**, São João Del-Rei, n. 31, p. 52-64, 2008.
- SANTIN, S. **Perspectivas na visão da corporeidade**. In: GEBARA, Ademir et al. Org. Wagner Wey Moreira. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1993. p 51-69.
- SÉRGIO, M. et al. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

* Fabíola Teixeira Araujo Rios:

Currículo:<http://lattes.cnpq.br/2508626604796142>

* Wagner Wey Moreira:

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5798244047692726>